

**Pereira, H. M. (2023). *Paisagens Junqueirianas — com o Douro ao fundo*.
Húmus. Vila Nova de Famalicão. 246pp.**

FERNANDO DE CASTRO BRANCO



Na passagem do centenário da morte de Guerra Junqueiro, Henrique Manuel Pereira traz a público *Paisagens Junqueirianas — com o Douro ao fundo*, livro cujo título, na sua síntese expressiva, traduz no essencial o conteúdo do mesmo. Trata-se de mais um contributo relevante que o incansável investigador da vida e obra do poeta de *Pátria* dá para o conhecimento dos vários planos da multimoda atividade de Guerra Junqueiro. Há alguns anos, na sequência da publicação dessa obra marcante no âmbito dos estudos do poeta que é *Guerra Junqueiro — Fragmentos de unidade polifónica*, do mesmo autor, e que corresponde no essencial à sua tese de doutoramento sobre Guerra Junqueiro apresentada na Universidade de

Aveiro, Henrique Manuel Pereira definiu o rumo do seu trabalho por estas palavras:

Sendo, antes e acima de tudo, Poeta de múltiplos registos, foi cumulativamente político e diplomata, pensador, colecionador de Arte, homem de ciência, lavrador e viticultor. Todas estas dimensões me interessam, porque de um Amigo tudo me interessa: de onde veio, onde nasceu, o que disse, fez, pensou, escreveu, influenciou ou motivou. Interessa-me o que se disse e diz dele. Interessa-me até o que se diz que ele disse após ter partido. (Pereira, 2015: 469-470)

A proximidade afetiva com o seu autor está portanto na base da sua escrita, conferindo aos seus livros uma vividez e um magnetismo que prendem decisivamente o leitor, do princípio ao fim dos textos. Como referimos num estudo anterior sobre, precisamente, *Guerra Junqueiro – Fragmentos de unidade polifónica*, isso em nada obsta ao rigor e à lucidez de análise que caracterizam todo o trabalho do biógrafo e historiador. Simplesmente ele entende definir o seu ponto de vista, situando-se e situando o seu leitor: em todas as circunstâncias a sensibilidade emotiva é uma espécie de subtexto em fundo.

O livro abre com uma «nota prévia» em que se sintetiza a matéria que o constitui: «Aqui se reúnem textos de natureza, temática, perspectiva e dimensão desigual, segundo uma cadência escrita espaçada no tempo. Reflectem porventura diferentes metodologias e estra-

tégias. Também eles são fragmentos de um imenso todo». Acrescenta, logo após, a linha de rumo do seu labor: «trata-se de devolver a voz ao poeta» (Pereira, 2023: 11). Este objetivo é sem dúvida concretizado neste livro através de estratégias textuais várias: todo o protagonismo dado ao seu autor através de longas citações do poeta ou sobre o poeta, transcrição abundante de poemas e de textos em prosa de várias tipologias (cartas, polémica, depoimentos, testamentários, etc.) acompanhando a matéria da investigação. O autor como que permanece na sombra para que toda a luz incida no seu biografado, mas numa penumbra ativa, atenta, vigilante, pontuando com agudeza e pertinência cada momento, escolhendo o lugar certo do comentário, da explicação ou da explicitação, da avaliação e da valorização, da opinião, da reiteração ou da refutação. Por vezes um elemento documental que aparece num primeiro momento ao leitor, de menor relevância, revela-se surpreendentemente impressivo, sugestivo, perante o seu enquadramento, contextualização, relação. Assim, o documento cresce, irradia possibilidades de leituras e inferências. Trata-se de um minucioso trabalho para nos dar, como ele refere tantas vezes, o homem na sua completude, o retrato vital, intelectual, poético de Guerra Junqueiro. O subgénero textual do fragmento a que Henrique Manuel Pereira frequentemente faz referência para caracterizar os seus estudos, a que associa a estrutura polifónica dos seus livros, parece-nos traduzir

sem dúvida a metodologia organizativa das suas obras. A que nós acrescentaríamos neste livro uma essencial dialogia; porque é de um contínuo e obsessivo diálogo que Henrique Manuel Pereira mantém com o poeta que se trata, e que se complementa pela forma como ele estabelece uma contínua interação entre Junqueiro e os seus interlocutores, por adesão ou rejeição. A abundante epistolografia e a contraposição de documentos de polémica ou outros reforçam essa configuração dialógica que está na base de uma leitura cativante, de um texto de prazer.

A obra divide-se em duas partes estruturantes. A primeira, constituída por sete textos mais extensos, estudos ou ensaios clarificando aspetos de poética, de pensamento, de intervenção através de livros ou outros elementos documentais. Uma segunda parte integrando seis textos mais breves, mas não menos pertinentes na caracterização global do homem e do poeta Guerra Junqueiro. O título uniformiza eficazmente o livro na sua expressividade metafórica. Trata-se de uma viagem real e simbólica pelas paisagens junqueirianas no cenário do Douro, mas também pelo espaço íntimo do poeta, em ligação inextricável marcada pela intensa atividade de vinicultor e agricultor nessa região.

Salientaríamos na primeira parte da obra o texto inicial, «A teopoética da negação como afirmação – entre *A Velhice do Padre Eterno* e *A Lágrima*, veios de um pensamento metafí-

sico», onde Henrique Manuel Pereira, após elencar resumidamente aspetos fundamentais da biografia do poeta, e a influência a vários níveis que exerceu na vida portuguesa do seu tempo, bem como nas gerações que se lhe seguiram, sublinha essa dialética da afirmação e da negação, uma paradoxal forma de expressão que suscitou, pela sua incompreensão, movimentos de adesão e rejeição que se foram cristalizando no tempo, desencadeando um dos casos mais complexos da receção, não só literária, mas social, entre os escritores portugueses. *A velhice do Padre Eterno*, enquanto exemplo mais extremo da relação crispada que manteve com o catolicismo do seu tempo, e *A lágrima* (vista no plano da sua receção, chegando a um vasto público, sem paralelo na história literária portuguesa) são os textos escolhidos para base da reflexão. O estudioso, após demonstrar o distanciamento de Junqueiro, com o passar do tempo, do primeiro poema, vai pontuando através do segundo algumas das isotopias marcantes da poética de Junqueiro; como sejam a sua relação com o sagrado, o seu veio místico, o equilíbrio dialético entre a imanência e a transcendência, a forma da *oração* panteísta enquanto expressão poética privilegiada pelo escritor, através da qual atingiu o cume do seu lirismo e suscitou a admiração de autores da envergadura de Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoas, Miguel de Unamuno, Raul Brandão, Vitorino Nemésio, entre tantos outros. Henrique Manuel Pereira refere ainda, em relação a este poema, aspetos

intertextuais impressionantes de ordem bíblica: «com ressonâncias de certas parábolas evangélicas e com a mesma lógica do Sermão da Montanha, *A Lágrima* testemunha uma procura de sentido, uma forma de abordar o mistério do mundo». Acrescenta ainda, em relação a este poemeto, no contexto da obra de Junqueiro, o facto de se apresentar como «o desenho germinal de uma evolução, o fragmento de uma visão substancial e unitária que Guerra Junqueiro trazia a escrever por dentro» (p. 36). A forma como Henrique Manuel Pereira organiza o seu estudo comprova e exemplifica, de resto, a sua tese inscrita no título do texto «a teopoética da negação como afirmação» em Guerra Junqueiro. Os dois textos aqui trazidos são os dois pratos da balança onde ele pesa o autor e comprova esse minucioso equilíbrio entre duas realidades que aparentemente se opõem, mas numa visão em profundidade se verifica a procura da síntese dialéctica, dessa dialogia essencial que percorre a obra.

Referiríamos ainda nesta primeira parte um texto tocante de princípio a fim e que em nossa opinião funciona como o centro nevrálgico do livro: «Aspectos do Douro de Guerra Junqueiro». Aliás o título, *Paisagens Junqueirianas – com o Douro ao fundo*, vai ao encontro deste pressuposto, visto que imana precisamente deste estudo. Aqui o biógrafo, de forma impressionante, e apoiando-se em autores como Sant’Anna Dionísio, Alfredo Guerra Tenreiro e Raul Rego, descreve-nos a relação entre Guerra Junqueiro e a região do Douro, bem como essa

aventura verdadeiramente épica, e também lírica, da criação da sua Quinta da Batoca e da sua atividade de viticultor e agricultor em geral. De novo, entre biógrafo e biografado, não só uma sintonia ao nível do poético, mas também dos lugares, da relação afetiva com as paisagens comuns a ambos, assim como o sentimento telúrico por elas suscitado:

Excessivo é o Douro que trago dentro. Escrevo-lhe o nome e uma polifonia de ideias, instantes, cores, cheiros, sons, ruídos, enquadramentos, calor de fornalha, «montes nus», «trágicos vagalhões dum mar petrificado», desenhos de «nuvens singulares» me visita. Escrevo Douro e uma procissão de nomes e vozes me acena. (p. 152)

Neste excerto lírico e fundamente sinestésico, onde a voz de Henrique Manuel Pereira se funde com a de Junqueiro, verificamos o que desde o início destes textos tentamos demonstrar, isto é, a linha sensível que percorre este livro, o entrelaçamento emocional entre o estudioso, o autor estudado, as paisagens comuns: geográficas e íntimas. Também a estratégia textual deste ensaio não difere da ideia do livro e até da obra global de Henrique Manuel Pereira no estudo do seu autor. Apresenta duas linhas de abordagem, se não contraditórias, pelo menos distanciadas, em relação ao posicionamento de Junqueiro nesta fase importante da sua vida. De um lado Sant’Anna Dionísio, do outro Alfredo Guerra Tenreiro e Raul Rego. Ressalta a um primeiro

olhar para que lado pende a razão emotiva do investigador; coloca as versões em confronto, segue-se a sua posição de adesão (em relação aos dois primeiros) ou de rejeição crítica, ainda que contida, pela admiração que lhe suscita aquele de quem discorda, Sant'Anna Dionísio.

As reflexões do autor de *Alto Douro ignoto*, por representarem, por sinédoque, determinado tipo de crítica em relação a Guerra Junqueiro, mesmo da parte de algumas personalidades relevantes da cultura portuguesa, como é o caso, merecem que nelas nos detenhamos por um momento. Salienta Sant'Anna Dionísio, com verdade, que Guerra Junqueiro «aglutinou, arroteou, plantou e transformou em rico olival, vinhedo e amendoal» a Quinta da Batoca; mas, pasme-se, em tom de censura: «pobre daquele que, depois de ter revelado o seu dom para a “lavoura perene”, se cinge à “lavoura comum”» (p. 155). Não se percebe a incompatibilidade entre as duas «lavouras», como mostraram Sá de Miranda ou Alexandre Herculano, entre outros, para nos limitarmos ao âmbito da literatura portuguesa. É além disso discutível a essencial temporalidade de uma e de outra, e até a sua beleza estética, se nos ativermos a esse lugar único, consagrado pela UNESCO Património Material da Humanidade, espaço onde a ação da natureza se funde e confunde com o labor, também artístico, do homem. Mas o que se segue não é menos de espantar. Sant'Anna Dionísio critica Guerra Junqueiro não por aquilo que escreveu, o que se compreenderia, mas por aquilo sobre

que não escreveu, porém, segundo ele, deveria ter escrito. Referindo-se ao Douro:

Junqueiro, que tantos anos viveu junto deste vale, que o percorreu dezenas e dezenas de vezes, que calcorreou os seus pendores — *não o viu*. [...] Paisagem admirável e grande! Como se explica que Junqueiro não a tenha sentido? Grande falha da sua atenção e do seu espírito. (p. 153)

Henrique Manuel Pereira vai pautando estas afirmações com a descrição da tarefa ciclópica de Junqueiro na «escrita» dos seus vinhedos, socorrendo-se para essa tarefa dos outros dois autores mencionados, Alfredo Guerra Tenreiro e Raul Rego:

Não raro Junqueiro «prolongava as estadias estivais até Dezembro e, com sol ou geada, fazia o caminho da quinta, atravessava na barca ronceira e calcorreava o resto do caminho e por lá ficava o dia inteiro; era noite alta quando voltava a fazer o mesmo percurso em sentido contrário». (p. 156)

Que disponibilidade pois a do poeta para escrever sobre o Douro poemas no papel, se ele tem os poemas do Douro escritos na carne? Mas o crítico e filósofo vai mais além nas suas inferências nitidamente tendenciosas: «Tivesse Pascoaes ali vivido e “teria feito decerto um poema dantesco”» (p. 153). Como sabe tal o crítico? Poderia não ter acontecido. Os rios e as montanhas escolhem os seus poetas, e o autor de *Maranus* foi, para proveito de todos os

amantes de poesia e glória da literatura portuguesa, escolhido pelo Marão e pelo Tâmega. Mas, de todo o modo, Henrique Manuel Pereira demonstra que alguns dos maiores poemas de Junqueiro foram escritos nessa atmosfera única, nesse ambiente telúrico, paisagístico, cultural, religioso, místico e humano, que perpassa nomeadamente por um dos seus livros maiores, *Os simples*. Segundo Dalila Pereira da Costa, referindo-se ao espaço do Douro em sentido amplo, citada pelo investigador:

a cada um desses montes devemos agora olhar como um lugar eleito onde se deram aparições, revelações, em vivências do divino, através de todos os tempo e religiões diversas, desde o paganismo até ao cristianismo. (p. 164)

Não obstante, contrariando as referências em relação à expansividade retórica de Junqueiro, observe-se um minúsculo poema escrito (e esculpido) no próprio muro da casa que Junqueiro aí construiu à custa de

pedras e cantarias trazidas de Escalhão, Freguesia de Figueira de Castelo Rodrigo, no alto dos montes da margem esquerda. «Vinham em carros de bois por caminho aos ziguezagues. Mais de meio-dia para chegar à beira do rio». Pedras e cantarias eram ali descarregadas e

levadas depois para a barca que atravessava a corrente que as depunha do outro lado. (p. 157)

Eis, pois, como dizíamos, a forma como o génio do poeta condensa este esforço épico, no poema minimalista profundamente lírico inscrito na casa: «Os carros / cham ao longe, no silêncio em brasa / como gemidos íntimos da terra».

Por impossibilidade, no âmbito desta abordagem, de comentar, como gostaríamos, todos os textos integrantes deste livro, terminamos com a transcrição de um excerto de uma minúscula carta inédita (preciosa descoberta do investigador) dirigida por Guerra Junqueiro ao seu amigo Trindade Coelho, na sequência da receção do conto *Idílio rústico*, no sentido de confirmar a forma precisa como Junqueiro, sem exceção, avalia autores com quem se vai cruzando, frequentemente muito antes da sua consagração. Assim, com Cesário Verde, Raul Brandão, Teixeira de Pascoaes, Trindade Coelho: «O *Idílio Rústico* uma obra-prima absoluta. Lembra Millet. Atinge, em sua divina simplicidade, a emoção grandiosa de um lirismo épico» (p. 207).

Bibliografia

Pereira, H. M. (2015). *Guerra Junqueiro – Fragmentos de unidade polifónica*. Cosmorama Edições. Maia.